



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

A importância da Pesquisa Acadêmica na Teologia

batistapioneira.edu.br

II Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2024.v2.014



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CRISTÃO E A PERSEVERANÇA NA FÉ: UMA ABORDAGEM EXEGÉTICO-HERMENÊUTICA DE HEBREUS 6.4-6, ACERCA DA (I)MPOSSIBILIDADE DE O CRISTÃO PERDER A SALVAÇÃO

The Christian and perseverance in faith: an exegetical-hermeneutical approach to Hebrews 6.4-6, about the (im)possibility of a Christian losing salvation

George Monteiro da Silva¹

RESUMO

O texto escolhido traz uma dificuldade exegético-teológica: o cristão pode cair do estado da graça? Ou, em outras palavras, pode o salvo perder a salvação? Essa questão é tratada em apenas 5 versos (Hb 6.4-8); passagem, porém, que faz parte de um longo parágrafo que trata da falta de crescimento espiritual dos leitores (5.11-6.20). O que chamou atenção neste parágrafo é que ele é um comentário paralelo na longa abordagem sobre o sacerdócio de Cristo (4.14-9.14) e sua relação com a enigmática figura de Melquisedeque. Dentro desta seção do livro, o autor sagrado interrompe sua discussão e abre uma espécie de “nota de rodapé” (para alguns comentaristas, uma digressão), apontando a falta de crescimento espiritual dos seus leitores, evidenciada em 5.11. Nesse contexto imediato, surge a passagem de Hebreus 6.4-8, alvo principal deste artigo. O objetivo específico, portanto, foi fazer a exegese dessa passagem e, depois de contextualizá-la dentro do parágrafo mencionado, percebeu-se a natureza e os reais motivos da severa advertência dada aos seus leitores que, por sua vez, esclareceu a questão teológica supracitada. É consenso entre os comentaristas pesquisados a extrema

¹ Bacharel em Teologia pelo STBSB/RJ, com convalidação pela FABAT/RJ. Licenciado em Letras pela ESBAM/AM e em Pedagogia pela ULBRA/AM. Especialista em Teologia pela FABAT/RJ, em Língua Portuguesa pela ESBAM/AM e em Gestão Escolar pela UFAM. Mestrando em Estudos Teológicos pelo Southwestern Baptist Theological Seminary. Diretor do Seminário Batista Amazônico Eurico Nelson – SEBAEN, seminário mantido pela Convenção Batista do Amazonas - CBA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6702-4996> - E-mail: prgeorgemonteiro@gmail.com

complexidade da passagem em estudo; por outro lado, não há igual consenso quanto ao resultado hermenêutico. Partindo de entendimentos doutrinários já consolidados nas Escrituras, especialmente, na tradição protestante Reformada e Batista, o presente artigo assumiu uma posição teológica *a priori* que se confirmou *a posteriori*, pelo aprofundamento exegético da passagem, a saber: o escritor sagrado não abona a ideia de um cristão verdadeiro cair do estado da graça e, assim, perder a salvação conquistada pelos méritos exclusivos de Cristo.

Palavras-chave: Salvação. Perdição. Sacerdócio. Cristo.

ABSTRACT

The chosen text raises an exegetical-theological difficulty: can a Christian fall from the state of grace? Or, in other words, can the saved lose their salvation? This issue is dealt in just 5 verses (Hb 6.4-8); a passage, however, that is part of a long paragraph about the readers' lack of spiritual growth (5.11-6.20). What drew attention in this paragraph is that it is a parallel comment in the long approach to the priesthood of Christ (4.14-9.14) and its relation with the enigmatic figure of Melchizedek. Within this section of the book, the sacred author interrupts his discussion and opens a kind of "footnote" (for some commentators, a digression), pointing out the lack of spiritual growth of his readers, evidenced in 5.11. In this immediate context, the passage from Hebrews 6.4-8, the main target of this article, emerges. The specific objective, therefore, was to exegete this passage, and after contextualizing it within the mentioned paragraph the nature and real motives of the severe warning given to its readers were perceived, which, in turn, clarified the aforementioned theological question. There is a consensus among the commentators surveyed on the extreme complexity of the passage under study; on the other hand, there is no equal consensus on the hermeneutical result. Starting from doctrinal understandings already consolidated in the Scriptures, especially in the Reformed and Baptist Protestant tradition, this article has assumed an *a priori* theological position that has been confirmed *a posteriori*, through the exegetical deepening of the passage, namely: the sacred writer does not support the idea of a true Christian falling from the state of grace and thus losing the salvation won by the exclusive merits of Christ.

Keywords: Salvation. Doom. Priesthood. Christ.

INTRODUÇÃO

Desde muito cedo, na história da Igreja, um fantasma teológico tem assombrado o imaginário coletivo evangélico, a saber: o cristão pode cair do estado da graça ou em outras palavras, pode o salvo perder a salvação? Muito se tem falado a respeito desse assunto ao longo dos séculos, inclusive, por gente simples do "chão da igreja". São cristãos que se afligem com essa questão sem, contudo, encontrarem alívio para suas almas aflitas, em virtude da falta de respostas, minimamente claras, sobre esse tema. Por outro lado, muitos eruditos têm se debruçado sobre essa matéria que, ainda hoje, divide opiniões e até denominações evangélicas.

Aqueles que defendem a tese de que o cristão pode perder a salvação argumentam que um ensino que garanta a salvação eterna dos salvos produz cristãos despreocupados com a vida espiritual, relaxados na prática da santidade e é responsável pela formação de um

verdadeiro exército de não regenerados. Além disso, procuram na Bíblia textos-prova que se tornam supostas bases firmes, nas quais constroem esse entendimento para, assim, formularem sua teologia da possibilidade da perda da salvação.

Para os que defendem o contrário, que não há qualquer possibilidade de o cristão cair do estado da graça, argumentam que a salvação é concedida unicamente pelos méritos de Cristo, sem qualquer participação humana. Assim, a respeito da salvação que vem de Cristo, nada nem ninguém poderá desfazê-la. Estes também buscam, nas Escrituras, as provas para seus argumentos.

Como pensam, porém, esses dois grupos quando se deparam com Hebreus 6.4-8? A experiência tem mostrado que cada grupo o interpreta de sua maneira e retira dele a confirmação para sua tese. Porém, uma das premissas mais básicas da Hermenêutica é definir o que o autor sagrado quis dizer a seus leitores originais. Dito em outras palavras, o texto bíblico possui uma mensagem que traduz o propósito do autor. Desta forma, Hebreus 6.4-8 é texto-prova para qual das duas posições teológicas? A partir da leitura dessa passagem, pode o cristão perder ou não a salvação? É possível definir o propósito das palavras do autor de Hebreus? Há somente uma interpretação ou pode-se aceitar duas interpretações do texto em questão? Por último, não menos importante: é possível encontrar a verdade desse texto, ou ela ficou perdida e restrita aos leitores originais? A busca pelas respostas a essas perguntas norteará o presente artigo.

Para esse empreendimento, serão utilizados diversos comentários, cujos autores constituem-se autoridades reconhecidas no meio acadêmico da teologia e da exegese bíblica. Além de comentários, se utilizará o texto grego Nestle & Aland (4.ed.), dicionários e chaves linguísticas da língua original do Novo Testamento. Quanto à metodologia, será necessário apreciar, mesmo que panoramicamente: a) O perfil dos leitores originais (quem eram, por quais problemas estavam passando, por que foram acusados de crianças na fé etc.); b) Determinar o porquê de o autor de Hebreus abrir um longo parêntese em sua discussão sobre a superioridade do sacerdócio de Cristo que começa no capítulo 4.14 e vai até o capítulo 8.13; c) Qual é o assunto tratado nesse grande parêntese aberto na discussão sobre o sacerdócio de Cristo e d) Definir qual é a mensagem central de 6.4-8.

Por fim, é preciso dizer que uma das premissas que devem fazer parte do perfil do exegeta é a humildade frente à grandeza do texto bíblico. Diante disso, reconhece-se as limitações desse trabalho que, longe de exaurir a matéria, propõe-se a ser uma alternativa hermenêutica, uma breve contribuição para a continuação do debate que cerca o assunto.

1. A IDENTIDADE DOS DESTINATÁRIOS DE HEBREUS

É de suma importância a reconstituição histórica do perfil básico dos leitores originais, como auxílio para a compreensão das palavras e argumentos do escritor sagrado. Essa reconstituição justifica-se necessária, porque a carta foi dirigida, primeiramente, a eles e não a nós. Assim sendo, conhecê-los torna-se imperativo.

Considerando o que dizem Gordon Fee e Douglas Stuart, uma carta é um documento ocasional², fato que obriga o hermenauta identificar, dentro do contexto histórico, as razões da escrita; para, assim, auxiliar o leitor atual na correta compreensão dos argumentos do autor.

Muito se poderia dizer acerca do perfil dos primeiros leitores do livro: onde residiam; se eram judeus ou gentios. Considerando que eram judeus, eram originários da Judeia, de Jerusalém ou da Diáspora? Eram cristãos ou judeus não convertidos? Se eram judeus cristãos, a carta tem o propósito de edificação; se, por outro lado, não eram cristãos, a carta terá o propósito de evangelização. No entanto, essas informações, por mais relevantes que sejam, ocupariam demasiado espaço nesse trabalho que tem como foco a exegese de uma porção do texto e não exaurir questões introdutórias já bastante esmiuçadas em obras do gênero. Assim, a pergunta que precisa ser feita é a seguinte: o que, minimamente, interessa da identidade dessas pessoas que servirão de auxílio à exegese de Hebreus 6.4-8? Considerando que algumas informações pertinentes podem ter ficado de fora, separou-se apenas duas delas, que são abordadas a seguir.

1.1 Os leitores estavam abandonando a comunhão da igreja por causa dos muitos sofrimentos por que passavam

Apesar de não haver consenso absoluto entre os estudiosos quanto à identidade dos leitores originais, o próprio texto de Hebreus traz as informações básicas para o escopo da pesquisa, a saber: a) Os cristãos estavam desanimando na fé (Hb 10.24). b) Por isso, alguns estavam desistindo da fé cristã e abandonando a congregação (Hb 10.25). c) Havia enfrentado lutas, sofrimentos, maus tratos, insultos e espoliação dos seus bens (Hb 10.32-34). d) Assim, precisavam ter confiança em Deus e perseverar na fé (Hb 10.35-36).

Não é sem razão que o autor sagrado faz uma longa apresentação de personagens da história hebraica que, apesar dos sofrimentos, venceram pela fé (Hb 11). Depois desse relato, conhecido como a galeria dos “Heróis da Fé”, o autor de Hebreus faz uma afirmação esclarecedora acerca da situação difícil por que passavam seus leitores: “Na luta contra o pecado, vocês ainda não resistiram até o sangue” (Hb 12.4). Realmente a condição desses cristãos não era das melhores. Precisavam de apoio espiritual, de palavras de incentivo e edificação (Hb 3.1-2, 14), então, o autor sagrado exorta: “Por isso, levantem as mãos cansadas e fortaleçam os joelhos vacilantes” (Hb 12.12).

1.2 Os leitores eram judeus cristãos que enfrentavam a tentação de retornar ao judaísmo

Conquanto haja opiniões distintas, entre os estudiosos, acerca da identidade dos leitores, Keener é da opinião de que eles eram de origem judaica e que passavam, em algum

² FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. Tradução Gordon Chown e Jonas Madureira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 34.

nível, por perseguição promovida por outros judeus ou pelos gentios e que, por isso estavam abandonando as fileiras do cristianismo:

Apesar de alguns estudiosos questionarem essa proposta, os leitores parecem ser evidentemente judeus, em sua maioria, e estão, ao que tudo indica, sob pressão para abandonar seus distintivos cristãos (pressão da sinagoga ou da perseguição dos gentios aos cristãos).³

Augustus Lopes concorda com Keener ao afirmar que:

Essa carta foi escrita para judeus que haviam se convertido ao cristianismo e que agora consideravam a possibilidade de voltar ao judaísmo, como vimos acima. Os judeus que se convertiam ao cristianismo no século primeiro estavam sujeitos a sofrer severa perseguição por parte dos seus patrícios, podendo perder o emprego, ser excluídos da sinagoga, ser denunciados pelos próprios judeus às autoridades romanas, ser presos, perder os seus bens, ser torturados e até mesmo mortos. A única alternativa a todo esse sofrimento, pensavam alguns, era abandonar a fé em Cristo, negá-lo, deixar o cristianismo e voltar ao judaísmo anatematizando e renunciando Jesus.⁴

Além das evidências externas acima, o texto bíblico traz fortes evidências internas acerca da origem judaica dos leitores originais: a) As referências a personagens da história de Israel (Arão, Abraão, Moisés, Josué, Melquisedeque, etc). b) As muitas referências ao complexo sistema sacrificial do Antigo Testamento. c) As várias menções à história de Israel.

Pode-se, assim, perceber que o autor sagrado está se dirigindo a cristãos de origem judaica que enfrentavam muito sofrimento causado pela oposição dos gentios e pela perseguição dos judeus da sinagoga e que, por isso, estavam desanimando da fé cristã, abandonando a igreja e retornando ao judaísmo. Hebreus, então, é escrito com o propósito de consolar esses cristãos, mostrando que a Nova Aliança em Cristo é superior à Antiga, que Cristo é superior a qualquer personagem do Antigo Testamento, mesmo que seja Moisés ou Abraão e que o sacrifício de Cristo na cruz fez a Antiga Aliança obsoleta. Diante disso, não faz sentido retornar ao que foi feito sem efeito pela Nova Aliança em Cristo.

2. TEMA E DELIMITAÇÕES DA SEÇÃO E DO PARÁGRAFO

O livro de Hebreus apresenta uma discussão multifacetada da Obra de Cristo na cruz do calvário. Resumidamente, talvez, a palavra que mais identifica a abordagem teológica que Hebreus desenvolve é a palavra “superioridade”: Superioridade de Cristo sobre as principais personagens da História dos Hebreus, como Arão, Abraão, Moisés, Josué; a superioridade da Nova Aliança em relação a Antiga Aliança; o superior sacerdócio de Cristo em relação ao sacerdócio levítico, etc. A seção que interessa ao escopo desta pesquisa é aquela que traz o tema do Sacerdócio Superior de Cristo (4.14-9.14).

³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 756.

⁴ LOPES, Augustus. **Interpretando a carta aos Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016, p. 116.

Para se obter, portanto, a devida clareza para uma efetiva e segura exegese, será necessário ter-se uma visão geral de Hebreus, a fim de delimitar a seção textual (4.14-9.14), que detém o tema teológico da superioridade do Sumo Sacerdócio de Cristo, do qual surge o parágrafo de exortação (5.11-6.20); exortação, esta, que trata especificamente da falta de crescimento dos leitores na fé cristã; e que, por sua vez, traz em seu bojo a passagem que será objeto de estudo (6.4-8). Em palavras simples: será preciso empreender uma leitura que vai do geral para o particular, ou seja, um voo panorâmico pela floresta (os 13 capítulos do livro de Hebreus), para se identificar uma região da floresta com árvores da mesma espécie (4.14-9.14), e chegar a um setor específico dessa região que inclui um grupo de árvores destoantes das demais (5.11-6.20) para, finalmente, analisar uma árvore em particular (6.4-8).

2.1 Delimitação da seção textual (4.14-9.14)

Dependendo da fonte pesquisada, pode-se encontrar diversas propostas de divisão do livro de Hebreus. Para delimitação da seção, o presente artigo utilizou-se da divisão defendida por Guthrie. Segundo Guthrie, um único tema teológico é desenvolvido na longa seção (4.14-9.14).⁵ São, aproximadamente, cinco capítulos em que o autor sagrado discute com seus leitores o tema do superior, novo, perfeito, eficaz e definitivo Sacerdócio de Cristo em relação ao teologicamente ultrapassado sacerdócio levítico.⁶

Para se ter uma visão panorâmica da seção em estudo, Guthrie a divide da seguinte forma: a) Nosso grande Sumo Sacerdote (4.14-16). b) A comparação com Arão (5.1-10). c) Um interlúdio desafiador (5.11-6.20). d) A ordem de Melquisedeque (7.1-28). e) O ministro da Nova Aliança (8.1-13). f) A glória maior da nova ordem (9.1-14).⁷ Percebe-se, imediatamente, pela leitura dos tópicos acima, o tema único tratado na seção: a superioridade do Sumo Sacerdócio de Cristo em relação ao sacerdócio levítico da Antiga Aliança. A delimitação dessa seção é facilmente observada se comparada ao que vem antes e ao que vem depois dela. E Guthrie novamente contribui para essa clareza ao mostrar que a seção imediatamente anterior trata do tema da superioridade de Cristo em relação a Josué (4.1-13) e a seção imediatamente posterior aborda o tema da Mediação de Cristo na Nova Aliança, cuja ênfase recai sobre Sua morte sacrificial, substituta, perfeita, eficaz, única e eterna (9.15-10.18).⁸

Em uma leitura mais detalhada desta seção da carta, o autor sagrado mostra por que o sacerdócio de Cristo deve ser considerado superior: a) Jesus é o grande Sumo Sacerdote: “Tendo, pois, Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que adentrou os céus...”

⁵ GUTHRIE, Donald. **A carta aos Hebreus**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 54.

⁶ Para uma visão geral de Hebreus, apresenta-se, a seguir, a divisão proposta por Guthrie: I. A superioridade da fé cristã (1.1-10.18). A. Revelação de Deus através do Filho (1.1-4). B. A superioridade do Filho aos anjos (1.5-2.18). C. A superioridade de Jesus a Moisés (3.1-19). D. A superioridade de Jesus a Josué (4.1-13). E. Um Sumo Sacerdote superior (4.14-9.14). F. O Mediador (9.15-10.18). II. Exortações (10.19-13.25). A. A posição presente do crente (10.19-39). B. A fé (11.1-40). C. A disciplina e seus benefícios (12.1-29). D. Conselhos finais (13.1-25).

⁷ GUTHRIE, 1984, p. 54.

⁸ GUTHRIE, 1984, p. 54

(4.14)⁹; b) Na condição de sumo sacerdote, Ele compadece-se das fraquezas dos pecadores, porque esteve na “pele” deles, porém, com a diferença de que não havia pecado em sua vida: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (4.15); c) O sacerdócio de Cristo foi resultado da vontade divina: “Assim, também Cristo não glorificou a si mesmo para se tornar sumo sacerdote, mas quem o glorificou foi aquele que lhe disse: “Você é meu Filho, hoje eu gerei você” (5.5); d) O sacerdócio de Cristo é superior devido à sua relação direta com o sacerdócio de Melquisedeque: “E Deus o nomeou sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (5.10)¹⁰; e) Considerando a insuficiência dos sacrifícios praticados no Templo de Jerusalém, bem como da figura efêmera dos sacerdotes, o sacerdócio de Cristo se torna superior porque agora trata-se de uma Aliança superior em relação a antiga: “Por isso mesmo, Jesus se tornou fiador de superior aliança. Ora, os outros são feitos sacerdotes em maior número, porque a morte os impede de continuar; Jesus, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável” (7.22-24); f) O sacerdócio de Cristo é definitivo: “que não tem necessidade, como os outros sumos sacerdotes, de oferecer sacrifícios todos os dias, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto uma vez por todas, quando a si mesmo ofereceu” (7.27); g) Esse sacerdote é divino: “Ora, o essencial das coisas que estamos dizendo é que temos tal sumo sacerdote, que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus, como ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo que o Senhor erigiu, e não o homem” (8.1-2); h) Cristo é Mediador de uma aliança superior baseada em promessas superiores: “Mas agora Jesus obteve um ministério tanto mais excelente, quanto é também Mediador de superior aliança instituída com base em superiores promessas” (8.6); i) O sacrifício de Cristo torna-se superior e definitivo porque foi um auto sacrifício, isto é, seu próprio sangue derramado em favor dos pecadores, não mais o sangue de animais: “Quando, porém, Cristo veio como sumo sacerdote..., mediante o maior e mais perfeito tabernáculo..., e não pelo sangue de bodes e de bezeros, mas pelo seu próprio sangue, ele entrou no Santuário, uma vez por todas, e obteve uma eterna redenção” (9.11-12); j) Por fim, esse sacrifício eterno habilita o crente a servir a Deus de maneira que lhe seja agradável: “muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus, purificará a nossa consciência de obras mortas, para servirmos ao Deus vivo!” (9.14).

Para o autor, não há dúvida quanto a grandeza, superioridade, eternidade, pureza, eficácia, singularidade, perfeição e suficiência do sacerdócio e do sacrifício de Cristo em relação aos sacerdotes e sacrifícios realizados pelo judaísmo, baseados na Antiga Aliança. Desta forma, torna-se imperativo exortar os cristãos judeus a não abandonarem a realidade

⁹ Neste artigo tem-se usado a versão bíblica Nova Almeida Atualizada (NAA) da Sociedade Bíblica do Brasil, por ser uma versão linguisticamente atualizada; porém, será usada a versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), pois, é possível identificar gramaticalmente as pessoas do discurso no original grego com mais facilidade.

¹⁰ Neste exato ponto da carta o autor suspende sua abordagem (5.10), fazendo um parêntese que vai de 5.11 a 6.20. Retomando a discussão sobre a superioridade do sacerdócio de Cristo em 7.1 e indo até 9.14.

superior da Nova Aliança em Cristo, retornando para o que, segundo ele, ficou obsoleto depois da vinda de Cristo. MacArthur traduz a mensagem do autor sagrado para o leitor da atualidade, ao afirmar que:

Se a Antiga Aliança, fraca e imperfeita como era, serviu a seu propósito, quanto mais não serve a seu propósito a Nova Aliança de Cristo, poderosa e perfeita? Ela não somente teve um propósito superior, mas também realizou seu propósito de uma forma melhor, de um modo perfeito. O propósito do sacrifício antigo era simbolizar, externamente, a limpeza dos pecados. Esse propósito foi realizado. O propósito do novo sacrifício, no entanto, era, de fato, limpar internamente (onde o pecado realmente existe). Esse propósito foi realizado de um modo superior. Os antigos sacerdotes limpavam o lado de fora, e apenas simbolicamente, imperfeitamente e temporariamente. Mas Cristo limpa por dentro, onde o problema real está. Ele faz mais do que limpar o velho homem; ele o substitui por um novo homem. Ele limpa nossa consciência, mas também cria novamente a nossa pessoa. Em Cristo não somos mais velhas criaturas limpas, mas novas criaturas redimidas (2Co 5.17).¹¹

Os argumentos do autor de Hebreus são de uma clareza singular. Sob o ponto de vista racional, sua abordagem acerca do tema é perfeita. Qualquer pessoa entenderia, principalmente um cristão, mesmo aqueles de origem judaica tão arraigados às suas tradições religiosas e culturais. Todavia o mero assentimento intelectual não é o bastante quando estão em pauta assuntos teológicos profundos, responsáveis por mudar totalmente tanto a vida como a cosmovisão de alguém. Os leitores de Hebreus são o exemplo mais contundente dessa verdade: não obstante serem membros de uma igreja cristã, não compreenderam plenamente os ensinamentos do autor sagrado, ao ponto de ele afirmar: “A esse respeito temos muitas coisas a dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês ficaram com preguiça de ouvir” (Hb 5.11). Assim, nesse exato ponto da carta, o escritor sagrado interrompe a seção e inicia um parágrafo, um parêntese de vinte e quatro versos de exortações aos seus leitores para, ao final (6.20), retomar a discussão do tema principal em 7.1 até 9.14, quando irá mudar para o tema da Mediação de Cristo na Nova Aliança, como já dito acima.

2.2 Delimitação do parágrafo (5.11-6.20)

Uma vez delimitada a seção 4.14-9.14, um passo seguinte deve ser dado: delimitar um parágrafo em particular (5.11-6.20). Uma pergunta se faz mister a essa altura do estudo: por que é necessário delimitar um parágrafo dentro de uma seção textual já delimitada? O que há de especial nesse parágrafo que justifique um olhar específico e detido? Esse parágrafo destoa do texto maior no qual está inserido? Essas perguntas Laubach responde de forma bastante lúcida:

¹¹ MACARTHUR, John. **Hebreus**: Cristo – sacrifício perfeito, perfeito sacerdote. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 72-73.

O apóstolo falou da esmagadora magnitude de Jesus e de sua superioridade sobre os anjos, sobre Moisés, Josué e Arão. Depois de Hebreus 5.10 ele subitamente interrompe sua reflexão. Agora torna-se evidente o que move o apóstolo interiormente. Não foram apenas a glória da pessoa de Jesus e a inconcebível magnitude da salvação que Deus preparou para a humanidade que o abalaram e o impeliram a redigir sua experiência íntima e sua descoberta espiritual. Pelo contrário, o que o aflige é a preocupação ardente com o estado espiritual da igreja. Ainda gostaria de comunicar-lhes tanta coisa daquilo que preenche o mais profundo de seu íntimo, mas ele percebe que isso nem sequer é possível sem mais nem menos diante da atual situação dos fiéis. Por isto ele se volta agora aos fiéis com uma palavra de exortação e crítica e com uma advertência direta.¹²

Como se pode constatar, o autor sagrado se vê impossibilitado de continuar sua abordagem teológica por causa da situação espiritual de seus leitores, condição tal que seria improdutivo permanecer em seu raciocínio, uma vez que reconhecia a falta de maturidade espiritual deles, para acompanharem sua linha de argumentação. Por isso, ele diz: “A esse respeito temos muitas coisas a dizer, coisas difíceis de explicar, porque vocês ficaram com preguiça de ouvir” (Hb 5.11). Nesse exato ponto da carta, emerge a exortação em 5.11-6.20.

Kistemaker ilustra esse ponto com a imagem de um professor com seus alunos. Todo professor tem conhecimento de que, em uma turma, nem sempre os alunos aprendem da maneira como o professor planeja ou almeja, o que justifica a sua intervenção.¹³ Kistemaker elucida bem a questão acrescentando o seguinte:

As palavras do autor de Hebreus são fortes e severas. Alguma coisa está drasticamente errada no processo de aprendizado. Tomando-se por base o padrão comum, os leitores já deveriam ter-se graduado, mas eles não foram bem-sucedidos no exame por falta de interesse, diligência e preparação adequada. O autor tinha planejado continuar seu ensino sobre o sumo sacerdócio de Jesus na ordem de Melquisedeque. No entanto, o tema é avançado demais para os leitores, sua teologia é muito profunda e seus alunos são muito preguiçosos. O assunto, diz o escritor, é difícil de explicar, não por causa da inabilidade do escritor, mas por causa da incapacidade dos leitores de compreender. O escritor se torna bem pessoal e diz: “Vos tendes tornado tardios em ouvir”. O autor então, é forçado a desviar sua atenção do assunto do sacerdócio.¹⁴

Fica evidente, portanto, a razão da inserção desse parágrafo no decorrer da seção 4.14-9.14; a saber, a completa falta de maturidade dos leitores, que os inabilitou a compreender de maneira minimamente satisfatória o tema da Superioridade do Sumo Sacerdócio de Cristo, especialmente quando o escritor introduz a figura enigmática de Melquisedeque: “E Deus o nomeou sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 5.10). E a crítica contundente do autor sagrado continua até o fim do capítulo (Hb 5.12-14).

¹² LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**. Curitiba: Esperança, 2000, p. 91.

¹³ KISTEMAKER, Simon. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 210.

¹⁴ KISTEMAKER, 2003, p. 210-211.

Boyd nomeia o parágrafo em questão como “aviso contra o Perigo da Ociosidade, Inércia e Afastamento Espiritual”¹⁵ e diz, ainda, que o autor poderia ter continuado sua abordagem, agora, com a comparação de Cristo com Melquisedeque, porém seria improdutivo, razão pela qual interrompe o fluxo do raciocínio, só retomando o tema no capítulo sete¹⁶. Para uma visão geral do parágrafo, Boyd o divide da seguinte forma: a) Em 5.11-14, o escritor sagrado faz o alerta quanto ao perigo espiritual de se estacionar na fé cristã, sob pena de o cristão sofrer as consequências desse ato; b) Em 6.1-3, continua a exortação, desta vez, apontando para a necessidade da busca de um conhecimento mais elevado de Cristo; c) Em 6.4-8, surge o clímax do aviso canônico, apontando para as sérias consequências do não atendimento dos avisos anteriores, especialmente este último contra a rejeição de se buscar crescimento na pessoa de Cristo; d) Em 6.9-12, o escritor expressa sua convicção de que o que foi expresso em 6.4-8 não é uma realidade no caso de seus leitores; e) Em 6.13-16, a experiência de Abraão é utilizada como consolo para aqueles que creem e esperam pela promessa de Deus; f) Em 6.17-20, ao autor encerra com Cristo, o Sumo Sacerdote, que entrou no santuário celestial, por isso Ele é a garantia do cristão de que a promessa de Deus vai se cumprir.¹⁷

Diante do exposto, pode-se compreender perfeitamente a razão da digressão do escritor sagrado, isto é, um necessário desvio, no curso de seu pensamento, a fim de exortar seriamente seus leitores acerca das consequências da negligência espiritual, verificada na patente estagnação da fé, e da conseqüente falta de ardor na busca por conhecer mais a Cristo; embora, no fundo, reconheça que sua exortação não cabe aos leitores da carta (Hb 6.9). O que chama atenção, no entanto, é que 6.9 segue imediatamente a exortação em 6.4-8. Então, surge o seguinte questionamento: O escritor de Hebreus está dirigindo seu aviso a quem especificamente, uma vez que admite que sua severa exortação não se aplica aos leitores? A exortação em 6.4-8 é dirigida a toda a igreja, a um grupo de não cristãos ou, especificamente, aos líderes da igreja? Outra questão que precisa ser respondida: a situação colocada pelo escritor sagrado em 6.4-6 é uma possibilidade real ou trata-se de uma situação hipotética? Esse será o assunto tratado a seguir.

3. PROLEGÔMENOS DO TEXTO-PROBLEMA (6.4-8)

Não há como negar a complexidade da passagem bíblica em questão, pois ela trata de matéria teológica profunda que diz respeito ao futuro eterno dos leitores originais e, por conseguinte, de todas as pessoas que se consideram cristãs. Lopes admite que se está diante de um dos textos mais complexos de toda a Bíblia e por que não dizer um dos mais incômodos para o exegeta?

¹⁵ BOYD, Frank M. **Comentário bíblico**: Gálatas, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, Hebreus. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 136.

¹⁶ BOYD, 1996, p. 136.

¹⁷ BOYD, 1996, p. 136-142.

A passagem em apreço é, certamente, um dos textos mais complexos de Hebreus e, por que não dizer, de todo o Novo Testamento. Muitos e acirrados debates têm sido travados no sentido de encontrar o verdadeiro significado dessa passagem. Estamos certos de que daqui para a frente novos confrontos virão. Não temos a pretensão de dar a última palavra sobre o assunto.¹⁸

No entanto, a referida passagem está na Escritura e diante dos leitores de ontem e de hoje. E o trabalho do hermenêuta é exatamente esclarecê-la, traduzindo-a para os leitores do “chão da igreja”, a fim de que sejam consolados e exortados em sua vida cristã.

3.1 Decisões teológico-hermenêuticas apriorísticas

Antes de abordar a passagem-objeto desta pesquisa, será necessário tomar algumas decisões teológico-hermenêuticas apriorísticas.

3.1.1 A perda da salvação não é abonada pelo autor sagrado

A passagem não poderia estar admitindo a perda da salvação, em vista do verso 9: “Quanto a vocês, meus amados, ainda que falemos desta maneira, estamos certos de que coisas melhores os esperam, coisas relacionadas com a salvação”. Além disso, Owen elucida esse verso afirmando que:

O escritor está convicto de coisas melhores no caso deles. Coisas próprias da salvação. Literalmente, “os que têm a salvação”. Ou seja, aqueles que têm a graça salvadora neles e a salvação eterna infalivelmente ligada a eles. Essas pessoas são salvas em virtude da fidelidade de Deus na aliança da graça.¹⁹

3.1.2 A passagem não apresenta uma situação hipotética da perda da salvação

Não faz qualquer sentido considerar o aviso em 6.4-6 uma situação hipotética, uma vez que o escritor sagrado está se dirigindo a judeus, cuja mentalidade é reconhecidamente concreta, além do que em nenhum momento da carta ele se utiliza de argumentos hipotéticos. Então, por que os incluiria somente aqui? Phillips defende esta tese afirmando que

...deveríamos, contudo, evitar descrever isso como uma situação hipotética. Um número de traduções passa essa impressão ao usar o termo “se”. Este não aparece no texto grego, que é melhor traduzido não pela frase “se eles caírem”, mas “aqueles que caíram”.²⁰

3.1.3 A possibilidade de perda da salvação entra em choque com as Escrituras

Não se pode aceitar que o escritor sagrado esteja colocando diante de leitores cristãos uma real possibilidade da perda da salvação, uma vez que seria um ensino que entraria em choque direto com o restante da Escritura, conforme esclarece Lopes:

¹⁸ LOPES, Hernandes D. **Hebreus: a superioridade de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 84.

¹⁹ OWEN, John. **Hebreus**. São Paulo: PES, 2020, p. 189.

²⁰ PHILLIPS, Richard D. **Estudos bíblicos expositivos em Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 154.

O último dos cinco pontos – perseverança final dos santos – afirma que todos aqueles que foram verdadeiramente salvos, regenerados, jamais cairão desse estado de graça. Eles jamais poderão se perder. Essa doutrina é baseada em diversas passagens da Bíblia. Uma das mais lembradas é aquela em que Jesus afirma: “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão. Aquilo que meu Pai me deu é maior do que tudo; e da mão do Pai ninguém pode arrebatar” (Jo 10.28-29). Ou ainda, nas cartas, onde se diz: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6); e também, “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo” (1Pe 1.3-5).²¹

3.1.4 O tema do parágrafo nada tem a ver com a perda da salvação

O tema do parágrafo (5.11-6.20) é a imaturidade dos leitores: não estavam progredindo na fé cristã (5.11-14); então são exortados a deixarem o ABC do ensino de Cristo e buscarem crescimento em direção à maturidade (6.1-3); além disso, o escritor admite que está convicto da salvação dos seus leitores (6.9-12); para, por fim, encerrar o parágrafo certificando os cristãos da segurança que eles têm em Cristo, trazendo à lume o contundente exemplo de Abraão e, o argumento definitivo: Cristo, o Sumo Sacerdote que adentrou ao santuário celestial (6.13-20). Desta forma, percebe-se que o tom do parágrafo é positivo, e não negativo. Por que, então, o autor de Hebreus entraria com um novo conteúdo (que seria a digressão da digressão), falando da perda de salvação, se este nem é, propriamente, assunto do parágrafo? Hernandes Lopes apresenta perfeitamente bem a situação dos leitores, descrevendo a condição deles, o que mostra a ideia principal do parágrafo:

...esses crentes já tinham tempo suficiente de carreira cristã para serem mestres, mas mostravam um crescimento retardado e não passavam de meninos imaturos na fé. Bebiam leite nos rudimentos da vida cristã, quando já deveriam se alimentar de comida sólida, demonstrando maturidade espiritual. O autor faz um duplo contraste para descrever essa realidade: menino versus adulto; leite versus alimento sólido.²²

Considerando que o autor sagrado não está ponderando sobre uma real a possibilidade de queda do estado da graça, mesmo assim, o aviso permanece real e concreto. De igual modo, se o aviso não apresenta uma possibilidade hipotética de queda da graça, mas um aviso verdadeiro; será necessário, então, determinar a quem o autor de Hebreus está se dirigindo.

²¹ LOPES, 2016, p. 134.

²² LOPES, 2018, p. 76.

3.2 Não são os leitores de Hebreus os alvos da advertência severa em 6.4-6

Philips destaca uma informação importante de caráter linguístico-morfológico que começa a elucidar a questão de qual seria a identidade dos leitores de 6.4-6. Ele observa a mudança dos pronomes usados pelo autor, dizendo o seguinte:

Um dos problemas em lidar com esse texto é decidir quem ou o que está sendo descrito. Há três respostas importantes, cada qual depende da interpretação do que essas descrições retratam. Porém, antes de abordá-las, podemos fazer duas observações importantes. A primeira é que o autor de Hebreus não está descrevendo seus leitores propriamente ditos. Digo isso porque ele substitui aqui seu uso constante da primeira e segunda pessoas para a terceira pessoa. Em ambas as passagens, antes e depois desses versículos, o autor fala de “nós” e “vós”. No entanto, aqui ele muda para a terceira pessoa: agora é “aqueles que uma vez foram iluminados”. Isto nos diz que ele não fala diretamente da situação de seus leitores, uma observação que é confirmada pelo versículo 9: “Quanto a vós outros, todavia, ó amados, estamos persuadidos das coisas que são melhores”.²³

Mediante a análise linguística apontada por Philips, em uma leitura mais atenta do parágrafo, pode-se perceber a alternância das pessoas do discurso (da primeira pessoa do plural “nós” e segunda pessoa do plural “vós” para a terceira pessoa do plural “eles”), usadas claramente pelo escritor sagrado. “A esse respeito *temos* muitas coisas que dizer...” (5.11); “Pois, quando *devíeis* ser mestres...” (5.12); “...*deixemo-nos* levar para o que é perfeito...” (6.1); “Isso *faremos* se Deus permitir” (6.3). Nesse ponto do parágrafo, o autor sagrado faz um interlúdio, alternando a pessoa do discurso para a terceira pessoa do plural: “É impossível, pois, que *aqueles* que uma vez foram iluminados...e *provaram* o dom celestial...e *se tornaram* participantes...e *provaram* a boa palavra de Deus...e *caíram*...é impossível outra vez *renová-los*...estão crucificando para *si mesmos*” (6.4-6). Após esse interlúdio, o autor retoma os pronomes pessoais habituais: “Quanto a vós outros, todavia, ó amados, *estamos* persuadidos...ainda que *falemos* desta maneira...” (6.9); “...Deus não é injusto para ficar esquecido do *vosso* trabalho...que *evidenciastes*...pois *servistes* e ainda *servis* aos santos” (6.10); “*Desejamos*, porém, continue cada um de vós...” (6.11); “para que não *vos torneis* indolentes...” (6.12); “onde Jesus, como precursor, entrou por *nós*...” (6.20). (grifos nossos).

Kistemaker concorda com Phillips quanto à identidade dessas pessoas:

Ao longo de toda a epístola o escritor admoesta seus leitores a aceitarem a Palavra de Deus em fé e a não caírem no pecado da descrença que resulta em juízo eterno (2.1-3; 3.12-14; 4.1,6,11; 10.25,27,31; 12.16,17,25,29). Em 6.4-6 ele não se dirige aos destinatários de sua carta, mas em vez disso, afirma uma verdade que emerge de uma referência anterior sobre os israelitas que pereceram no deserto por causa de sua descrença. Essa

²³ PHILLIPS, 2018, p. 154.

verdade aplica-se também aos hebreus, mesmo que o autor omita a referência pessoal em 6.4-6.²⁴

Owen também separa em dois grupos os alvos da advertência em 5.11-6.20. Claramente se percebe a distinção de tratamento dispensado para um e outro grupo. Acerca dos leitores cristãos é dito que: a) A eles foram dadas “...coisas que são melhores e pertencentes à salvação...” (6.9); b) Eles eram pessoas piedosas em sua devoção e serviço a Deus e diligentes no serviço cristão em favor dos demais membros da igreja, por isso, as palavras do autor sagrado expressam a fidelidade de Deus: “...Deus não é injusto para ficar esquecido...” (6.10); c) O seu desejo era para que “...continue cada um de vós mostrando, até o fim, a mesma diligência...” (6.11); d) Que eles deveriam ser “...imitadores daqueles que, pela fé e pela longanimidade, herdaram as promessas” (6.12). Em contraposição, na advertência de 6.4-6 não há qualquer palavra de graça, de salvação, de esperança, de segurança, ou qualquer indício de evidência de vida cristã como se pode ver acima (6.9-12).²⁵ Sobre “aqueles”, Owen destaca:

Contudo, o escritor não supõe que esse seja o caso daqueles mencionados nos versículos 4 a 6. Ele não sugere que a justiça ou fidelidade de Deus estava de alguma forma comprometida com a preservação deles, mas justamente o contrário. Toda a descrição, portanto, se refere a alguns privilégios especiais do evangelho, que as pessoas afirmavam ter naqueles dias de maneira muito confusa e irregular.²⁶

Portanto, se há dois grupos que são alvos da exortação em 5.11-6.20, e se os destinatários da advertência não são os leitores primários do referido parágrafo, a quem foi dirigido o aviso severo de 6.4-6? Esse será o assunto tratado a seguir.

3.3 A real identidade dos leitores de Hebreus 6.4-6

MacArthur clarifica a identidade dos leitores de 6.4-6 (ele inclui também os versos 7-8), afirmando que Hebreus (ao contrário do que, talvez, muitos pensem) não trata de cristãos maduros e imaturos; mas, sim, de judeus salvos e de judeus perdidos. Para isso, ele divide o parágrafo da seguinte forma: A primeira parte (5.11-6.8), trata dos judeus não salvos, que conheciam o Evangelho, porém não o receberam em suas vidas; a parte final (6.9-20) trata dos judeus salvos que manifestam, em suas vidas, as evidências da verdadeira fé cristã. A seguir, MacArthur define os judeus não crentes de 5.11-6.8: “Eles são orientados sobre o perigo de não entrar na bênção da Nova Aliança, além de não poderem ter a vida eterna. Eles estão muito perto e, ao mesmo tempo, muito longe da verdadeira salvação!”²⁷

Lopes defende a mesma tese de MacArthur. Ele considera o pressuposto de que a advertência em 6.4-6 não está sendo direcionada aos judeus cristãos, uma vez que a passagem

²⁴ KISTEMAKER, 2003, p. 224.

²⁵ OWEN, 2020, p. 179-180.

²⁶ OWEN, 2020, p. 180.

²⁷ MACARTHUR, 2011, p. 43.

não pode estar colocando como possibilidade real a queda de cristãos do estado da graça, isto é, de cristãos genuínos perderem a salvação e irem para o inferno. Isto posto, só pode haver aqui outro grupo de pessoas em vista - judeus incrédulos:

a passagem descreve não um crente verdadeiro, mas alguém que chegou muito perto, que estava nas comunidades, nas igrejas cristãs, passou por experiências religiosas e um dia voltou atrás, não prosseguiu, não foi até o fim e não creu, de fato, em Jesus como Senhor e Salvador. Essa pessoa não foi realmente salva. Segundo essa leitura, a passagem não ensina que crentes verdadeiros caem da graça e perdem a salvação. Trata-se de uma exortação para prosseguirmos, não voltarmos atrás; e o caso mencionado não é o de um crente verdadeiro, mas de uma pessoa que, durante algum tempo, um período da sua vida, viveu entre os crentes, parecia crente, falava como um deles, comportava-se como crente, mas, na verdade, não era cristão genuíno e, num determinado momento, voltou atrás.²⁸

Ainda que o alvo da advertência sejam os judeus incrédulos que figuravam como participantes daquela comunidade cristã e não os judeus cristãos, a passagem de 6.4-6 é parte integrante do parágrafo que é dirigido aos judeus cristãos, leitores e principal público-alvo do autor sagrado. É como pensa Hagner:

o autor está ansioso pelo bem-estar final de seus leitores. Estes precisam conhecer a grave seriedade da apostasia, do abandono da fé cristã, e reconhecer que não existe caminho de volta da apostasia. Outra vez emerge a enérgica pastoral, cheia de cuidados.²⁹

Em outras palavras, por mais que o escritor de Hebreus não esteja afirmando a possibilidade de queda da graça com relação aos seus leitores; a advertência, ainda assim, é dirigida a eles. Portanto, a pergunta que surge é: Por que uma advertência real, dura e direta é dirigida a um público que não se encaixa nela? Turnbull responde de forma categórica:

O autor encarou a situação de um ponto de vista humano. Seus leitores se diziam cristãos, mas se qualquer deles permanecia obstinado e incrédulo, este mesmo fato era uma prova irrecusável de que tal pessoa não era um verdadeiro filho de Deus. Todo o membro de igreja professa ser legítimo filho de Deus. Mas o será mesmo?³⁰

Como um pastor que ama suas ovelhas e tem cuidado com sua vida espiritual, o escritor sagrado inclui essa advertência com o intuito de mostrar a tragédia de retornar ao judaísmo, de onde elas haviam saído. Esse parece ser o propósito do aviso de advertência: não de apresentar uma possibilidade concreta ou estabelecer uma situação hipotética; porém alertar, despertar, “dar um tratamento de choque” em seus leitores, a fim de dissuadi-los de

²⁸ LOPES, 2016, p. 134-135.

²⁹ HAGNER, Donald A. **Hebreus**: novo comentário bíblico contemporâneo. São Paulo: Vida, 1997, p. 107.

³⁰ TURNBULL, M. Ryerson. **Estudando o livro de Levítico e a epístolas aos Hebreus**. São Paulo: CEP, 1981, p. 132.

abandonarem o Cristianismo, tomando o caminho de volta ao judaísmo que, certamente, seria uma atitude sem absoluto sentido. Acerca disso, Trentham afirma o seguinte:

Assumo a posição de que o escritor estava procurando instruir os cristãos no contexto de uma situação específica, e tenho procurado expor a minha maneira de entender o significado e a aplicação desta verdade à experiência cristã. Esta passagem e outras (3.12-14; 10.26-39; 12.16, 17) são melhor compreendidas, creio eu, em relação ao propósito central de Hebreus. Voltando à questão levantada (de abandonarem o Redentor), não pode haver dúvida de que eles estavam pensando em fazê-lo. Portanto, este escritor os adverte do que aconteceria se eles o fizessem.³¹

3.4 A natureza das experiências espirituais em 6.4-5

O texto descreve uma série de experiências espirituais vividas pelos leitores-alvo da passagem 6.4-5: a) Eles “foram iluminados, experimentaram o dom celestial e se tornaram participantes do Espírito Santo” (v. 4); b) “experimentaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro” (v. 5). É preciso, portanto, compreender a natureza dessas experiências, a fim de estabelecer um juízo acerca do argumento do autor sagrado.

Acredita-se que Turnbull começa a elucidar a questão sobre a natureza dessas experiências, ao afirmar que aquelas pessoas receberam iluminação; porém não, necessariamente, regeneração. Quanto a essa possibilidade, ele destaca:

O mesmo aconteceu com a gente descrita em Hebreus 6:4-5. Eles tinham recebido privilégios raros, e que lhes foram dados para que renunciassem a tudo, e se entregassem ao Salvador. Mas se eles persistissem obstinados e incrédulos, não obstante os privilégios, Deus retiraria Sua influência graciosa e os deixaria na condenação que voluntariamente escolheram. Veja Gênesis 6.3; Prov. 29.1.³²

Segundo Turnbull, uma pessoa pode estar inserida em um ambiente espiritual, sendo exposta à influência de realidades divinas, experimentadas pelos verdadeiros cristãos sem, contudo, ter sido transformada por essa exposição da graça de Deus. Quem olha de fora para dentro da igreja, imagina que todos estejam no mesmo nível espiritual, isto é, parecem espiritualmente iguais, ou seja, cristãos. A conclusão a que se chega é que a mera exposição ou participação em experiências espirituais não significa que uma pessoa seja cristã.

Phillips faz eco com Turnbull ao defender a tese de que a passagem

poderia aplicar-se àqueles que jamais chegaram, verdadeiramente, à fé salvadora em Cristo, mas desfrutaram desses extraordinários privilégios por sua filiação à igreja. Não sou hostil a essa interpretação e penso que a

³¹ TRENTHAM, Charles A. **Hebreus**. In: ALLEN, Clifton J. (Edit. Ger.). **Comentário Bíblico Broadman**: Novo Testamento. Hebreus - Apocalipse. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, vol. 12, p. 60.

³² TURNBULL, 1981, p. 131

linguagem sugere seguramente contato com o significado da graça encontrado na igreja.³³

No entanto, Phillips acrescenta uma informação nova. Descartando a interpretação que defende que a passagem se refira aos sacramentos como batismo e ceia, ele pensa que 6.4-5 diz respeito “à experiência do povo de Deus no êxodo. Essa é a melhor perspectiva, além de abordar adequadamente o texto”.³⁴

Para Hawthorne, simplesmente vivenciar os sinais distintivos da fé cristã, descritos em 6.4-5, não é o mesmo que ser cristão. A única prova da fé genuína será vista somente no fim, pois o verdadeiro cristão persevera na fé até o fim. Assim como Phillips, Hawthorne identifica a referência à história de Israel no deserto:

Da mesma forma que todo o povo de Israel deixou o Egito sob a liderança de Moisés, atravessou o mar Vermelho, comeu o maná do céu, observou os atos poderosos de Deus etc. dando todas as aparências de um povo de fé, mas só dois entraram em Canaã, e o resto caiu morto no deserto, é possível que na igreja visível haja aqueles que experimentaram todas as vantagens do cristianismo, a instrução, o batismo, a ceia do Senhor, as manifestações do Espírito etc. (embora deva ser observado atentamente que nenhum dom de amor é mencionado nessa lista, cf. 6.10), e que mesmo assim são capazes de renunciar a tudo isso porque a atitude interior básica, da qual nem eles mesmos talvez estejam completamente cientes, se tornou uma atitude de incredulidade ou desobediência, uma atitude de NÃO a Deus. A situação aqui, então, pode ser análoga à de Mt. 7.21ss.³⁵

Kistemaker também é a favor da ideia de que o autor sagrado está fazendo referência à história dos Israelitas que pereceram no deserto por causa da descrença.³⁶ Certamente a implicação de fazer-se referência à história de descrença dos Israelitas é mostrar os privilégios a que eles estiveram expostos, no entanto, voluntariamente escolheram virar as costas a Deus. Da mesma forma, estava ocorrendo com um grupo de membros da igreja. Não obstante experimentarem dos privilégios espirituais do Cristianismo, resolveram dar as costas ao Evangelho e retornar ao judaísmo. Portanto, virar as costas ao Evangelho ou à Nova Aliança em Cristo é comparado aos atos de descrença dos seus antepassados no deserto.

4. ANÁLISE DO TEXTO-PROBLEMA (6.4-8)

Definida a identidade dos leitores do parágrafo, tendo estabelecidas as decisões teológico-hermenêuticas para o devido acesso à passagem principal deste artigo, bem como esclarecida a natureza das experiências espirituais, o passo seguinte será acessar o texto bíblico e elucidar a advertência aos hebreus que estavam considerando retornar ao judaísmo.

³³ PHILIPS, 2018, p. 156,

³⁴ PHILIPS, 2018, p. 156.

³⁵ HAWTHORNE, Gerald F. **Hebreus** In: BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Vida, 2008, p. 2107.

³⁶ KISTEMAKER, 2003, p. 224.

4.1 Privilégios espirituais oferecidos, mas não recebidos

O autor sagrado relaciona os privilégios espirituais a que esses judeus foram expostos na comunhão igreja. Segundo Lopes, eles foram “iluminados”, φωτίσθέντας (*photísthéntas*)³⁷, isto é, receberam a luz do evangelho; reconheceram que Jesus era o Messias prometido a Israel que, possivelmente, seja uma referência ao “dom celestial”, δωρεά έπουράνιος (*doreá epouránios*), literalmente dom celestial que vem do céu [de Deus].³⁸ De alguma forma estiveram sob a forte influência do Espírito Santo, que os fizeram “participantes do Espírito Santo”. Ouviram a pregação da Palavra de Deus que, nas palavras do autor sagrado, quer dizer que eles provaram a boa “Palavra de Deus” θεοῦ ρήμα (*Theoú réma*)³⁹ e tiveram o vislumbre das realidades do mundo vindouro de paz e santidade plena, ou seja, provaram os “poderes do mundo vindouro”, δυνάμεις... αιώνας μέλλοντος (*dynámeis... aiónos méllontos*)⁴⁰, ao fazer parte da comunidade escatológica que é a igreja.⁴¹

Contrariando o entendimento de que a iluminação seria a participação no batismo, Owen afirma que “iluminados” denota uma ação interior e não exterior; é o ato de conceder luz ou conhecimento, para o perfeito entendimento espiritual do ensino do Evangelho. Como prova de seu argumento, Owen cita 2 Coríntios 4.6. Além de iluminados, esses judeus provaram o dom celestial, ou seja, tiveram uma pequena prova da excelência da pessoa do Espírito Santo. Esses judeus também se tornaram participantes do Espírito Santo que, no entendimento de Owen, é beneficiar-se da obra sobrenatural do Espírito Santo. Outro privilégio desses leitores foi o experimentar da boa Palavra de Deus que era pregada na Igreja. Por fim, eles provaram os poderes do mundo vindouro que consiste no tempo milenar do Messias, experienciado, em parte, no convívio da igreja, pois era assim que a igreja da época se referia ao futuro escatológico.⁴²

Phillips defende a tese de que o autor sagrado tem em mente a apostasia relatada no livro de Êxodo. Assim como os israelitas foram expostos ao fenômeno do poder de Deus, mas não entraram na Terra Prometida por causa da apostasia, também os hebreus membros da igreja que tiveram experiências espirituais com Deus não entrarão no céu. Como ele afirma: “Em virtude da nossa filiação com o povo de Deus, por estar em seu convívio, podemos ter os grandes privilégios descritos em nosso texto e, ainda assim, não participar, efetivamente, da salvação”.⁴³ Phillips aplica esse entendimento dizendo o seguinte: “Pode acontecer conosco se nossos corações estiverem endurecidos para Deus, a despeito de nossos grandes privilégios”.⁴⁴

³⁷ HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse**. São Paulo: Targumin, Hagnos, 2009, p. 1211.

³⁸ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1211.

³⁹ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1211.

⁴⁰ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1211.

⁴¹ LOPES, 2016, p. 136-138.

⁴² OWEN, 2020, p. 180-183.

⁴³ PHILLIPS, 2018, p. 156.

⁴⁴ PHILLIPS, 2018, p. 157.

4.2 A natureza da apostasia: o verbo παραπεσόντας (*parapesóntas*)

A grande dificuldade de compreensão da passagem não está no elenco de privilégios espirituais supracitados, mas nas orações “é impossível [ἀδύνατοζ] (*adynatos*)... renová-los [ἀνακαινίζειν] (*anakainízein*) para arrependimento [μετάνοια] (*metánoia*)” e “caíram [παραπεσόντας (*parapesóntas*) - extraviar-se, incorrer em erro, pecar, renegar]”.⁴⁵ MacArthur aponta para o fato de que o verbo “caíram” só aparece aqui em todo o Novo Testamento.⁴⁶ Desta única referência em todo o Novo Testamento resulta uma das grandes dificuldades de interpretação da passagem. Então, como é possível determinar-se a interpretação da passagem diante de um verbo de ocorrência única? Qual parâmetro será utilizado para estabelecer os limites da interpretação da passagem, cujo verbo é “filho único” no Novo Testamento? MacArthur responde a essas perguntas buscando a correspondência do verbo na Septuaginta, o que sugere uma correlação, até certo ponto, lógica, haja vista seus leitores serem judeus: “Este termo grego aparece apenas aqui no Novo Testamento. Na Septuaginta, ele era usado para traduzir termos indicando infidelidade séria e apostasia (Ez 14.13; 18.24; 20.27). É equivalente à apostasia de 3.12”.⁴⁷ Lopes esclarece o que implica o verbo “cair”:

Cair significa desistir, renunciar a todas essas experiências e não continuar até o final, não prosseguir, não chegar definitivamente à conversão. Voltar atrás significa, no caso daqueles leitores hebreus, negar a Cristo. Havia uma pressão muito grande dos judeus sobre os que haviam se convertido ou pareciam ter se convertido ao cristianismo. O judeu que tinha aceitado a Jesus como Salvador poderia ser preso, torturado, perder os seus bens, perder o emprego. Essa era a razão por que a tentação para voltar atrás era muito forte, e o autor se refere a pessoas que já haviam caído, tinham cedido à tentação de voltar atrás, haviam renunciado a Cristo, negando-o. Em alguns casos, para serem outra vez aceitos nas sinagogas de onde haviam saído, eles teriam de dizer: “Jesus é maldito. Eu renuncio a Cristo. Jesus é anátema”. Essa era a sua queda.⁴⁸

Owen segue nesse mesmo diapasão ao distinguir as situações envolvidas no verbo “cair”: a primeira situação diz respeito a “cair em pecado”, como Pedro, por exemplo, mas que foi conduzido ao arrependimento. Essa queda, segundo Owen, pode fazer parte da experiência de qualquer cristão. Porém a segunda situação refere-se a uma queda intencional, em nada parecido à queda no pecado, cujo pecador pode ser recuperado. Assim, ele define tal queda:

Aqui ele tem em mente “afastar-se”. Não é cair neste ou naquele pecado real. Não é cair em tentação. Não é cair pela negação de algum aspecto da crença cristã. Em vez disso, esse “afastamento” consiste na renúncia total de

⁴⁵ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1211-1212.

⁴⁶ MACARTHUR, 2011, p. 44.

⁴⁷ MACARTHUR, 2011, p. 44.

⁴⁸ LOPES, 2016, p. 138.

todos os princípios e ensinamentos do cristianismo. Tal foi o pecado daqueles que abandonaram o evangelho para voltar ao judaísmo.⁴⁹

Fica evidente a especificidade do uso do verbo “cair” na passagem, a saber: abandonar deliberada, voluntária e conscientemente a Cristo e ao Cristianismo. É exatamente desta forma como pensa Bateman IV, quando afirma: “Praticamente todos os comentaristas recentes admitem que isso deve ser a apostasia final, a rejeição absoluta de Cristo”.⁵⁰

Hawthorne lança luz ao verbo “cair”, ao mostrar seu significado etimológico. Literalmente, “cair” significa “cair ao lado do caminho”, e cogita a possibilidade de o autor sagrado estar correlacionando esse uso do verbo à experiência de apostasia do povo de Israel no deserto, onde mesmo tendo experimentado o poder e a glória de Deus, escolheu virar as costas para Ele, o que demonstra não terem passado por transformação interior. A prova disso é que apenas dois israelitas entraram em Canã.⁵¹

Phillips considera que “cair” é o mesmo que “abandonar”. Além disso, ele também correlaciona a atitude dos membros da igreja com a atitude dos Israelitas no deserto, apontando que o verbo está no aoristo, o que indica uma ação completa no passado. Ele complementa dizendo o seguinte: “No caso desses cristãos hebreus, é possível que a apostasia significasse um retorno ao judaísmo, portanto uma negação da importância salvífica da vida e morte de Cristo, um ato que era nefasto em sua terrível finalidade”.⁵²

4.3 A natureza da impossibilidade de restauração: ἀδυνατοζ... ἀνακαινίζειν μετάνοια (adynatos... anakainídzēin metánoia)

O autor de Hebreus afirma, categoricamente, que é impossível renovar novamente para arrependimento os hebreus apóstatas. Turnbull reforça a decisão teológica apriorística tomada por este artigo, afirmando o que se segue:

Os que afirmam que é possível ao verdadeiro filho de Deus cair do estado de graça, afirmam também, com igual fervor, que é possível para os tais voltarem ao primitivo estado de graça. Mas Hebreus 6:6 diz: “Impossível é renová-los outra vez para o arrependimento”.⁵³

O entendimento de Turnbull é bastante lógico: se alguém acredita que o cristão pode perder a salvação, por causa de seus atos de incredulidade rebelde, também considera razoável pensar que esse cristão pode retornar à salvação por sua decisão de fé obediente. Todavia, como apontado também por Turnbull, pensar desta maneira desconsidera o texto canônico infalível de Hebreus 6.6. Portanto, em palavras simples, ἀδυνατοζ (*adynatos*) significa que o apóstata não possui poder para reverter sua situação, ἀνακαινίζειν μετάνοια

⁴⁹ OWEN, 2020, p. 184.

⁵⁰ BATEMAN IV, Herbert (Edit.). **Apostasia em Hebreus: 4 perspectivas sobre as passagens de advertência**. Natal: Carisma, 2020, p. 94.

⁵¹ HAWTHORNE, In: BRUCE, 2008, p. 2107-2108.

⁵² PHILLIPS, 2018, p. 157.

⁵³ TURNBULL, 1981, p. 132.

(*anakainízein metánoia*), por conta própria; assim, como o verdadeiro cristão não tem poder para cair da graça por atos cometidos. É como observa Calvino: “...o apóstolo nos adverte para o fato de que o arrependimento não está no poder do homem. Ele é por Deus conferido somente aos que não apostataram da fé completamente”.⁵⁴

Lopes expande o entendimento da impossibilidade de restauração, acrescentando o seguinte: “Essa atitude, nós entendemos, é a mesma coisa da blasfêmia contra o Espírito Santo que Jesus menciona em Marcos 3.29”.⁵⁵ Ao correlacionar a apostasia dos hebreus com o ensino de Cristo aos fariseus sobre o pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, Lopes bate o martelo para essa questão: apostasia é um pecado semelhante ao pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, por isso, impossível restaurar esse pecador, porque ele nunca foi um cristão verdadeiro, uma vez que cristãos verdadeiros não caem do estado de graça.

4.4 As razões da impossibilidade de restauração

Hebreus 6.6 apresenta 2 razões pelas quais torna-se impossível a renovação dos apóstatas: 1) Estariam crucificando novamente a Cristo; 2) Resultante disso, estariam expondo a Cristo a vergonha. Haubeck e Siebenthal, ao analisarem as formas nominais dos verbos ἀνασταυροῦντας (*anastaurountas*) e παραδειγματίζοντας (*paradeigmatízontas*), esclarecem que se trata de participios causais, respectivamente traduzidos literalmente como “crucificar de novo” e “levar à desonra pública”.⁵⁶ Bateman IV, ao concordar com Haubeck e Siebenthal, acrescenta que os participios descrevem tanto a causa, como a ação contínua (aspecto do tempo presente) de manterem a atitude de apostasia.⁵⁷

Guthrie lança luz à questão ao correlacionar a atitude deliberada dos leitores hebreus com a atitude dos hebreus que participaram da crucificação de Jesus:

Não poderia ter expressado a seriedade da apostasia em termos mais enfáticos ou mais trágicos. Enquanto pensa naquilo que os inimigos de Jesus fizeram a Ele, até mesmo vê aqueles que se desviam de Ele como igualmente responsáveis. Talvez esteja pensando que tais apóstatas seriam mais culpáveis do que aqueles que originalmente clamaram “crucifica-o,” que nunca conheceram coisa alguma acerca da maravilhosa graça de Deus através de Cristo. Qualquer pessoa que voltasse do cristianismo para o judaísmo se identificaria não somente com a descrença judaica, como também com aquela maldade que levou a crucificação de Jesus.⁵⁸

Guthrie acrescenta ainda que a expressão “para si mesmos” ou “por conta própria” tornam claro que devem assumir a plena responsabilidade pela crucificação”.⁵⁹ Pode-se resumir o que está posto da seguinte forma: a) A atitude de apostasia não reflete um ato

⁵⁴ CALVINO, João. **Hebreus**. São Paulo: Fiel, 2012, p. 148.

⁵⁵ LOPES, 2016, p. 139.

⁵⁶ HAUBECK; SIEBENTHAL, 2009, p. 1212.

⁵⁷ BATEMAN IV, 2020, p. 94-95.

⁵⁸ GUTHRIE, 1984, p. 135.

⁵⁹ GUTHRIE, 1984, p. 135.

estanque, tomado inconscientemente, mas uma predisposição consciente e contínua de manter-se em rebeldia contra Cristo e contra o Evangelho; b) A atitude de abandono de membros da igreja é comparada a atitude daqueles judeus que participaram da crucificação de Jesus; c) O apóstata estava assumindo as sérias e definitivas consequências de sua decisão.

4.5 O fechamento do argumento: a parábola dos dois campos (v. 7-8)

Hawthorne é da opinião de que o autor sagrado fecha seu argumento, ao apresentar uma parábola relacionada com sua discussão dos versos 4-6: “Os v. 7,8 contêm uma parábola cuja interpretação é coerente com essa ênfase do autor na perseverança como o verdadeiro teste de genuinidade”.⁶⁰ Desta forma, a chuva deve ser identificada com os privilégios a que os hebreus foram expostos na comunhão da igreja e a terra, com os leitores: a chuva cai tanto em terra boa como na ruim, e o que esta terra produz em resposta à chuva é correlacionado à resposta que as pessoas dão, depois de provarem os privilégios na Nova Aliança.⁶¹

Kistemaker concorda, igualmente, com Hawthorne que a parábola dos versos 7-8 se refere à discussão dos versos 4-6 e serve para lançar luz sobre a discussão. A chuva, que é comparada às bênçãos divinas, cai sobre os dois tipos de terra: um produz uma bela colheita, enquanto o outro, somente espinhos e abrolhos. Assim, entendendo que a parábola se aplica aos dois públicos-alvo do parágrafo, acrescenta o seguinte:

Por analogia, os crentes e aqueles que caíram na descrença continuamente recebem bênçãos. Se o coração do homem é mau, todas as bênçãos de Deus não o farão prosperar espiritualmente. Ao contrário, as bênçãos de Deus, quando rejeitadas por um coração descrente, finalmente são transformadas em maldição. E o descrente está condenado.⁶²

Fica, portanto, evidente que o autor sagrado tem diante de si dois públicos muito bem definidos, representados por dois tipos de campos. Uma das provas textuais mais contundentes e definitivas acerca disso está na sequência da leitura (Hb 6.9-10). No entendimento do escritor sagrado, os leitores de Hebreus 6.9-10, estão esperando a promessa da salvação, garantida pela fidelidade divina. E a maneira como vivem a vida cristã, é evidência disso.

Na sequência, o escritor sagrado demonstra seu desejo em relação aos seus leitores cristãos. Desejo não expresso ao outro público: “Desejamos que cada um de vocês continue mostrando, até o fim, o mesmo empenho para plena certeza da esperança, para que não se tornem preguiçosos, mas imitadores daqueles que, pela fé e pela paciência, herdaram as promessas” (Hb 6.11-12). Fica, assim, muito claro o que o autor pensa sobre seus leitores: a) As palavras duras de julgamento irreversível não diziam respeito a eles; b) Tinha plena certeza de que a salvação estava esperando por eles; c) Podiam descansar na fidelidade de Deus; d) O

⁶⁰ HAWTHORNE, In: BRUCE, 2008, p. 2108.

⁶¹ HAWTHORNE, In: BRUCE, 2008, p. 2108.

⁶² KISTEMAKER, 2003, p. 234-235.

modo como viviam a vida cristã era evidência clara de que eram verdadeiros cristãos; e) Assim, o autor sagrado espera que seus leitores continuem manifestando as evidências da vida cristã e que não sejam como o público apóstata descrito da advertência (5.11-6.6); f) Por fim, exorta os cristãos a imitarem pessoas como Abraão (que será mencionado na sequência do parágrafo) que herdou a promessa, e não os hebreus do deserto que viraram as costas para Deus.

4.6 Abraão: o histórico exemplo hebreu de fé e recebimento da promessa (v. 13-18)

Em que bases o cristão pode se sustentar na fé, sem esmorecer nem desistir, diante das adversidades? O fim do parágrafo apresenta a resposta a essa pergunta: considerar atentamente para um bom exemplo do Antigo Testamento: o ilustre hebreu Abraão.

Trentham repercute o argumento do escritor sagrado: “o ouvinte é levado de volta ao pai dos que creem, Abraão, e para a promessa que Deus lhe fizera. Quando Deus faz uma promessa, não é uma palavra casual, que pode ser esquecida. É uma base de certeza eterna”.⁶³

Escrevendo para hebreus, o escritor sagrado tinha que “nadar em águas conhecidas” dos leitores. Desta forma, era pertinente e oportuno utilizar-se de uma figura central do Antigo Testamento, a fim de fundamentar sua tese. Phillips elucida perfeitamente esse entendimento:

Não é surpresa, então, que o autor de Hebreus remonte à história de Abraão para encorajar os seus leitores. Encontramos aqui um grande exemplo da graça de Deus como se percebe em toda a Escritura. Abraão era filho de um ídólatra, vivendo numa terra ímpia, todavia, Deus veio a ele com o chamado da graça divina.⁶⁴

Abraão torna-se o modelo hebreu de alguém que recebeu promessas de Deus, as quais não tinha direito e nem condições humanas para alcançá-las, porém as recebeu pela fé. MacArthur acrescenta que Abraão não deve ser entendido como um exemplo teórico que se pode meramente aprender ou lembrar da história dos Hebreus do Antigo Testamento (v. 13), porém um modelo de fé a ser imitado (v. 12).⁶⁵

4.7 O Sumo-Sacerdote Jesus: o modelo de garantia da promessa (v. 19-20)

A fim de ser coerente com a metodologia que vem utilizando em seu livro, o escritor sagrado termina o parágrafo fazendo uso de seu maior e recorrente argumento: o Sumo-Sacerdócio de Jesus. Richards confirma isso ao dizer: “Para certificar-se de que seus leitores não o entenderam mal, o autor fala da segurança a qual podemos ter no acesso completo,

⁶³ TRENTHAM, In: ALLEN, 1987, p. 62.

⁶⁴ PHILLIPS, 2018, p. 172.

⁶⁵ MACARTHUR, 2011, p. 47.

conquistada por Jesus para nós. A nossa aproximação de Deus é garantida pelo juramento dele”.⁶⁶

Assim, a segurança dos salvos encontra-se na obra que Jesus realizou como sumo sacerdote. Assim como o próprio escritor sagrado expõe: “Temos esta esperança por âncora da alma, segura e firme e que entra no santuário que fica atrás do véu, onde Jesus, como precursor, entrou por nós, tendo-se tornado sumo sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque” (Hb 6.19-20). Nesses versos, o autor de Hebreus ataca as principais instituições judaicas – Templo e o Sacerdócio levítico – e lhes confere novo sentido, desta feita, com categorias cristãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não teve a pretensão de fazer um estudo exaustivo do parágrafo de advertência aos leitores da carta aos Hebreus. São 24 versos escritos sob uma mesma temática, por isso, todo o parágrafo foi objeto de apreciação. Mesmo considerando a unidade temática do parágrafo (5.11-6.20), a maior atenção foi dispensada ao que foi chamado de texto-problema (6.4-8), o qual apresenta material polêmico que tem gerado debates acalorados tanto entre cristãos simples como entre estudiosos, a saber: com base em Hebreus 6.4-8, um verdadeiro cristão pode ou não perder a salvação? Foi justamente essa questão teológica que motivou a escrita deste artigo.

Mesmo diante de limitações, como, por exemplo, de espaço, para abordar matéria tão extensa como polêmica, buscou-se explorar a passagem principal, de modo a apresentar aos leitores uma posição hermenêutico-teológica, minimamente fundamentada em fontes primárias, reconhecidas no meio teológico. A partir da pesquisa dessas fontes, concluiu-se que, não somente Hebreus 6.4-8, mas a Teologia Bíblica em particular, e a Reforma Protestante em geral afirmam: o cristão verdadeiro persevera na salvação, pelos méritos de Cristo, o Sumo Sacerdote, alcançada pela fé semelhante à de Abraão e garantida pela fidelidade de Deus que fez a promessa.

Essa conclusão, todavia, não foi tomada *a priori*, mas *a posteriori*, a partir da percepção de que há dois públicos distintos referenciados no parágrafo. Para simplificar, pode-se descrever o parágrafo da seguinte forma: o escritor está se dirigindo aos cristãos, seus reais leitores e principal público-alvo da carta em 5.11-6.3. Na passagem de 6.4-8, público agora é outro – judeus que estavam abandonando a igreja e retornando ao judaísmo, não obstante terem sido expostos aos privilégios espirituais elencados na passagem. A pessoa do discurso, inclusive, muda da segunda pessoa do plural “vós” e primeira do plural “nós” para a terceira do plural “eles”, como se o autor sagrado estivesse falando (e realmente está) sobre uma terceira pessoa e não com os seus leitores. Depois dessa seção “eles”, no restante do parágrafo (6.9-20), a pessoa do discurso volta a ser “vós” e “nós”, isto é, o autor de Hebreus

⁶⁶ RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor**: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse. São Paulo: Vida, 2004, p. 1167.

volta a falar com seus leitores. Uma das provas mais contundentes disso é o que é dito sobre os leitores em 6.9.

O caminho continua aberto para futuras pesquisas em cima do parágrafo estudado. Serão necessários mais estudos para se definir melhor a natureza dos privilégios espirituais elencados em 6.4-5 e sua influência na vida de pessoas não crentes que, de uma forma ou de outra, encontram-se ligados a uma igreja local, mesmo sem pertencer à Igreja de Cristo. Outro tema bastante importante nesse contexto é a menção de que Jesus entrou no “santuário que fica atrás do véu” e sua possível relação com a perspectiva platônica da dualidade cósmica. Além é claro da correlação feita pelo autor sagrado do sumo sacerdócio de Cristo, segundo a ordem do enigmático sacerdote Melquisedeque.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Clifton J. (Ed. Ger.). **Comentário bíblico Broadman: Novo Testamento. Hebreus - Apocalipse. Vol. 12.** Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

BATEMAN IV, Herbert (Edit.). **Apostasia em Hebreus: 4 perspectivas sobre as passagens de advertência.** Natal: Carisma, 2020.

BÍBLIA SAGRADA. Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2019.

BOYD, Frank M. **Comentário bíblico: Gálatas, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, Hebreus.** Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

BRUCE, F. F. (Org.). **Comentário bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento.** São Paulo: Vida, 2008.

CALVINO, João. **Hebreus.** São Paulo: Fiel, 2012.

FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. Tradução Gordon Chown e Jonas Madureira. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2011

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento Grego-Português.** São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUTHRIE, Donald. **A carta aos Hebreus: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova e Cultura Cristã, 1984.

HAGNER, Donald A. **Hebreus: Novo comentário bíblico contemporâneo.** São Paulo: Vida, 1997.

HAUBECK, Wilfrid; SIEBENTHAL, Heinrich Von. **Nova chave linguística do Novo Testamento Grego: Mateus – Apocalipse.** São Paulo: Targumin, Hagnos, 2009.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

KISTEMAKER, Simon. **Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LAUBACH, Fritz. **Carta aos Hebreus**. Curitiba: Esperança, 2000.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Interpretando a carta aos Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

LOPES, Hernandes D. **Hebreus: a superioridade de Cristo**. São Paulo: Hagnos, 2018.

MACARTHUR, John. **Hebreus: Cristo – sacrifício perfeito, perfeito sacerdote**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

OWEN, John. **Hebreus**. São Paulo: PES, 2020.

PHILLIPS, Richard D. **Estudos bíblicos expositivos em Hebreus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

RICHARDS, Lawrence C. **Comentário bíblico do professor: um guia didático completo para ajudar no ensino das Escrituras Sagradas do Gênesis ao Apocalipse**. São Paulo: Vida, 2004.

THE GREEK NEW TESTAMENT. 4.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

TURNBULL, M. Ryerson. **Estudando o livro de Levítico e a epístolas aos Hebreus**. São Paulo: CEP, 1981.